

A Galeria Bessa Pereira e a Fundação Portuguesa das Comunicações apresentam:

Rita Gaspar Vieira

MURMÚRIO DA SEMELHANÇA

De 6 de Outubro a 3 de Novembro de 2016

No chão implacável da sala (salão? sala de jantar? tapete pregado às folhagens murchas ou tapete móvel no qualquer cenário em que eu inscrevia palácios, sítios, continentes, verdadeiro caleidoscópio com que a minha infância brincava, aí compondo construções feéricas, como uma lona para mil e uma noites que não me abriam então as folhas de qualquer livro? soalho nu, madeira encerada com lineamentos mais escuros, nitidamente cortados pela negrura rígida das ranhuras de onde, por vezes, eu me divertia a tirar flocos de pó, quando tinha a sorte de algum alfinete caído das mãos da costureira a dias?) no chão irrecusável – e sem alma – da sala (aveludado ou lenhoso, engalanado ou despido, propício às corridas da imaginação ou a jogos mais mecânicos), no salão ou na sala de jantar, na penumbra ou na luz (conforme se tratasse ou não desta parte da casa cujos móveis são normalmente protegidos por coberturas e todas as modestas riquezas muitas vezes subtraídas, pela barreira das portadas, aos ataques do solo), neste recinto privilegiado dificilmente acessível a não ser aos adultos – e gruta tranquila para a sonolência do piano – ou neste local mais comum que encerrava a grande mesa extensível em torno da qual toda ou parte da família se juntava para o rito das refeições quotidianas, o soldado tinha caído.

Michel Leiris, «... Reusement!», in *La Règle du jeu*, I - *Biffures*

São cópias, decalques, moldes e réplicas que transferem para folhas de papel ou simulam, na verosimilhança de espaços que lhes são alheios, a obtusa familiaridade do que acolhe o quotidiano e guarda, em negativo, a ressonância dos gestos multiplicados na sucessão dos dias. Nada há de efêmero nesses gestos que se repetem no convívio com as coisas e lentamente modelam o desgaste das superfícies porque no silêncio que envolve a sua replicação apartidária é o próprio mundo que se manifesta nas mutações liliputianas que o actualizam. E nem é possível falar do avesso das coisas já que, matéria sobre matéria, é sempre a face exterior de um limite que vem a nós, seja ele o chão de uma casa, a folha de uma porta ou o tampo de uma mesa.

Num virtuosismo moderado, as cópias reproduzem os acidentes tácteis que se oferecem ao olhar e à manualidade que laboriosamente os imita. É assim em *Mnemónica de um lugar*, onde três desenhos parcialmente sobrepostos dão a ver o desgaste do soalho nas zonas de passagem delimitadas pelo vão de três portas interiores da casa; é assim em *Contra-capa*, enigmático compromisso entre a materialidade virtual do intervalo que o desenho representa e a realidade material de uma estante que — réplica de outra estante — concretiza esse intervalo, ocupando o que seria o lugar do observador, desse modo impedido de aceder à totalidade do desenho. No jogo de profundidades e espessuras em *trompe-l'oeil* que se prolonga para o espaço onde são presenciadas, as peças instalam uma ruptura, como se o seu e o nosso encontro com elas só pudesse acontecer na circunstância de uma dificuldade ou de uma colisão. A dificuldade e a colisão que em *Fractura* põem em contacto duas representações ilusionistas — de novo parcialmente sobrepostas — dos mosaicos do chão de uma cozinha, através da cicatriz que, por *frottage*, nelas fixa a fissura que simultaneamente compromete a integridade do chão e a incorruptibilidade do desenho que o recebe. Tal como, em *Acréscimo*, uma linha diagonal desenhada pela justaposição de *frottages* do mesmo chão, interrompe a sua continuidade, a ele se acrescentando como excesso, carência ou acidente que cabe ao título da fotografia decidir. Ou, ainda,

do mesmo modo que as vinte e duas *frottages* do soalho em torno da mesa em que uma família se junta para jantar, (*Módulo para paisagem na vertical # 1 a # 22*, exposto, em 2016, no Colégio das Artes, Coimbra) comprometem a imparcialidade do observador, por momentos tão incapaz de se furta ao círculo das convivialidades reiteradas como de se retirar do interior do cerco em que contempla. Porque é isso que acontece quando os modelos são os gestos e os passos e os efeitos do tempo anonimamente impressos na memória difusa das coisas e que, pressionados ou comprimidos, se revelam sob a forma das texturas que qualificam os seus limites, reconduzindo-as à condição de imagens.

É nessa recondução que se inscrevem os moldes de papel de portas e portões da casa caídos em desuso que, *Em suspenso*, exigem a nitidez do espaço em contra-luz e a leveza das rasuras delicadamente acumuladas no trânsito das superfícies. E é nessa condição que, em *Reunião*, e também de papel, os moldes do tampo de uma mesa da casa replicam a sua superfície para sobre uma réplica da própria mesa figurarem, à escala real, o primeiro estremecimento, que é o da objecção dos objectos e de tudo o que se nos opõe. Obstáculos, afinal, que este trabalho de averiguação do quotidiano rastreia, seguindo os sulcos em que a matéria se recolhe para melhor ficcionar a sua inércia. E associações também, parecidas com as que impulsionam os desenhos realizados entre 1925 e 1926 por Max Ernst, uma parte dos quais integrados na sua *Histoire naturelle*. Nascidos da observação de um soalho de madeira desgastado, transferido por *frottage* para folhas de papel, esses desenhos evocam a gestualidade sempre prestes a extinguir-se e sempre a voltar, idêntica e incógnita, na fundamental constância dos dias que passam e do que neles se confunde com a sobrevivência das repetições necessárias.

Só depois vêm as palavras que murmuram a semelhança das coisas. E se antes da corrupção do seu sentido o murmúrio é o som brando e contínuo do mar ou do vento que agita as folhas das árvores, a semelhança é a aproximação solidária dos espectáculos sem espectadores em que o mundo se afunda devagar. Terá sido num espectáculo assim que caiu o soldado com que brincava a infância de Leiris. Será um espectáculo assim que Rita Gaspar Vieira encena a partir da experiência dos dias na sua casa. Rasto e resto, ressonância e testemunho, as peças que apresenta nesta exposição mimetizam as coisas na grandeza onomatopaica das significações imprecisas que significam a submersão de cada um de nós no mundo dos outros, tão próximo daquele em que vivemos que nunca deixou de ser o nosso.

Maria João Gamito

 FUNDAÇÃO
PORTUGUESA DAS
COMUNICAÇÕES

Rua do Instituto Industrial, 16
1200-225 Lisboa
Tel 213 935 133
Email: info@fpc.pt
www.fpc.pt

 GALERIA BESSA PEREIRA
DESIGN E ARTE

Rua de São Bento, nº 426
1200-822 Lisboa
Tel 935 167 270
Email: infogbessapereira@gmail.com
www.galeriabessapereira.com